



EDGAR RICE
BURROUGHS

UMA PRINCESA DE
MARTE

N

**Edgar Rice
Burroughs**

Uma Princesa de Marte

Tradução Ricardo Giassetti

ALEPH
2010

Para meu filho Jack

Prefácio

AO LEITOR DESTE TRABALHO

Ao oferecer a você o estranho manuscrito do Capitão Carter em forma de livro, acredito que algumas poucas palavras relativas a essa marcante personalidade sejam de interesse. Minha primeira lembrança do Capitão Carter vem de sua estada de alguns meses na casa de meu pai, na Virgínia, imediatamente antes do

começo da Guerra Civil. Na época, eu era uma criança de uns cinco anos, mas continuo me lembrando bem do homem alto, atlético, moreno, de rosto brilhante, a quem eu chamava de Tio Jack.

Ele parecia estar sempre sorrindo, e entrava nas brincadeiras das crianças com a mesma camaradagem sincera que demonstrava àqueles passatempos aos quais os homens e mulheres de sua idade se dedicavam. Ou, então, ele se sentava por uma hora inteira entretendo minha velha avó com histórias de sua vida estranha e perigosa inundo afora. Todos o amavam, e nossos escravos praticamente veneravam o chão no qual ele pisava.

Ele era um esplêndido exemplo de masculinidade, chegando a quase um metro e noventa de altura, de ombros largos e quadril estreito, com o porte de um lutador bem treinado. Suas feições eram regulares e bem definidas, seu cabelo preto cortado rente, enquanto seus olhos eram de um cinza-azul, refletindo uma personalidade forte e leal, cheia de fulgor e iniciativa. Seus modos eram perfeitos e sua cortesia era a mesma de um típico cavalheiro do sul da mais alta estirpe.

Seu estilo ao cavalgar, especialmente na caça à raposa, maravilhava e impressionava, mesmo naquele recanto de magníficos cavaleiros. Ouvi com freqüência meu pai adverti-lo quanto a sua ousadia desenfreada, mas ele apenas ria e dizia que a queda que o

mataria seria causada por um cavalo que ainda não havia nascido.

Quando a guerra começou, ele partiu e não o vi novamente pelos próximos quinze ou dezesseis anos. Quando retornou, foi sem aviso, e fiquei bastante surpreso ao perceber que ele não havia envelhecido sequer um segundo, que suas feições não haviam mudado. Quando estava na companhia de outros, ele era o mesmo camarada genial e feliz que conhecíamos há tempos; mas quando ficava a sós com seus pensamentos, eu o via sentar-se por horas a fio, olhando o nada, seu rosto assumindo um ar de espera melancólica e completa desolação. E à noite, ele se sentava olhando para o céu; procurando o quê, eu não sabia até ler este manuscrito anos depois.

Ele nos disse que havia prospectado e minerado no Arizona durante uma parte do tempo desde a guerra, e que havia sido bem-sucedido era evidente dada a quantia ilimitada de dinheiro que possuía. Quanto aos detalhes de sua vida durante esses anos, ele era reticente. Na verdade, ele não falava sobre isso, em absoluto.

Ele ficou conosco por cerca de um ano e então foi para Nova York, onde havia adquirido um recanto às margens do Hudson. Passei a visitá-lo uma vez por ano quando viajava para Nova York - onde, na época, meu pai e eu comprávamos suprimentos para abastecer nossa rede de lojas de

departamentos no Estado da Virgínia. O Capitão Carter tinha uma pequena, mas bela casa em uma escarpa debruçada sobre o rio. E em uma das minhas últimas visitas, no inverno de 1885, observei que ele estava muito ocupado escrevendo, presumo agora, este manuscrito.

Ele me pediu na época que, caso algo acontecesse a ele, eu me encarregasse de seus bens. Deu-me uma cópia da chave para um compartimento do cofre que ficava em seu estúdio, dizendo que ali eu encontraria seu testamento, além de algumas instruções pessoais às quais me fez prometer obedecer com absoluto rigor.

Depois que me retirei para dormir, pude vê-lo de minha janela, em pé sob o luar e na beira do penhasco sobre o Hudson com os braços para o alto, como que em um apelo. Pensei que estivesse rezando, apesar de nunca ter imaginado que ele fosse um homem religioso, no sentido estrito da palavra.

Vários meses depois de retornar para casa após minha última visita - creio que por volta do dia 1º de março de 1886 -, recebi um telegrama dele me pedindo que voltasse imediatamente. Sempre fui seu favorito entre a geração mais nova dos Carters, então me apressei em cumprir seu pedido.

Desembarquei na pequena estação a cerca de um quilômetro e meio de suas terras na manhã de 4 de março de 1886. E quando pedi ao cocheiro que me levasse até o Capitão

Carter, ele respondeu que, caso eu fosse algum amigo do Capitão, teria notícias muito ruins a dar. O Capitão fora encontrado morto pelo vigia de uma propriedade vizinha logo após o amanhecer daquele dia.

Por alguma razão suas palavras não me surpreenderam, mas apressei-me para o local o mais rápido possível para poder cuidar do corpo e dos serviços.

Encontrei o vigia que o havia descoberto junto a um policial local e a vários cidadãos reunidos em seu pequeno estúdio. O vigia relatou os poucos detalhes ligados ao corpo que, segundo ele, ainda estava quente quando o achou. Estava deitado, disse ele, estirado na neve, na direção da escharpa, com os braços abertos sobre sua cabeça. Quando ele me mostrou o lugar, lembrei-me de que era o mesmo ponto onde eu o havia visto naquelas outras noites, com seus braços para o alto, suplicando aos céus.

Não havia marcas de violência em seu corpo, e com a ajuda de um médico local os investigadores chegaram à conclusão de que a causa da morte fora um ataque cardíaco. Sozinho no estúdio, abri o cofre e retirei o conteúdo da gaveta onde ele havia dito que eu encontraria as minhas instruções. Eram, em parte, realmente peculiares, mas as segui com máxima dedicação até os últimos detalhes.

Ele me orientava a levar seu corpo para a Virgínia sem embalsamá-lo, e que fosse

colocado em um caixão aberto dentro de uma tumba que ele mesmo havia construído previamente. A tumba, como eu saberia posteriormente, era muito bem ventilada. As instruções me obrigavam a supervisionar pessoalmente os serviços, tal como fora pedido, mesmo que em sigilo, se necessário.

Sua propriedade foi mantida de tal forma que eu recebesse os lucros durante vinte e cinco anos, após os quais o imóvel se tornaria meu. Suas próximas instruções eram relacionadas a este manuscrito, que eu deveria manter lacrado e em segredo, do modo como o havia encontrado, por onze anos. E não deveria divulgar seu conteúdo antes que vinte e um anos se passassem de sua morte.

Um detalhe estranho sobre a tumba na qual seu corpo ainda repousa: a pesada porta, equipada com uma única grande fechadura folheada a ouro, *só pode ser aberta de dentro para fora.*

Sinceramente,
Edgar Rice Burroughs

Capítulo 01

NAS COLINAS DO ARIZONA

Sou um homem muito velho. O quanto, eu não sei. É possível que eu tenha cem anos, talvez mais, mas não posso calcular porque nunca envelheci como os outros, ou sequer lembro de minha infância. Por mais que tente me

lembrar, sempre fui um homem, um homem de uns trinta anos. Minha aparência hoje é a mesma de quarenta anos atrás, talvez mais; mesmo assim, sinto que não viverei para sempre, que algum dia morrerei a verdadeira morte da qual não há ressurreição. Não sei por que eu deveria temer a morte. Eu, que morri duas vezes e continuo vivo. Mas continuo tendo o mesmo medo de alguém que, como você, nunca morreu antes. E é por causa desse terror pela morte que, acredito, continuo tão convencido de minha mortalidade.

Por causa dessa convicção, decidi escrever a história dos períodos interessantes da minha vida e morte. Não posso explicar tal fenômeno, mas apenas registrar aqui, com as palavras de um simples soldado, a crônica dos estranhos eventos que se abateram sobre mim durante os dez anos em que meu cadáver descansou em segredo em uma caverna do Arizona.

Nunca contei esta história antes e homem algum deve ler este manuscrito antes que eu tenha partido para a eternidade. Sei que, de maneira geral, a mente humana não acreditará no que não pode captar, e também não pretendo ser ridicularizado pelo público, pelos oradores e pela imprensa, ser apregoado como um grande mentiroso quando não estou dizendo nada além da pura verdade que algum dia a ciência comprovará. É provável que as informações que arrecadei

sobre Marte e o conhecimento que transcrevo nestas crônicas ajudem em um primeiro entendimento dos mistérios de nosso planeta parente. Mistérios para você, não mais para mim.

Meu nome é John Carter, mais conhecido como Capitão Jack Carter, da Virgínia. No final da Guerra Civil minhas posses somavam muitas centenas de milhares de dólares (confederados) e o posto de capitão comissionado da cavalaria de um exército que não mais existia. Eu era o servo de um Estado que havia evaporado junto com as esperanças do Sul. Sem a quem responder, sem dinheiro e com meus meios de sobrevivência e defesa perdidos, decidi partir para o sudoeste e tentar recuperar minhas riquezas buscando por ouro.

Passei quase um ano prospectando na companhia de outro oficial confederado, o Capitão James K. Powell, de Richmond. Tivemos muita sorte quando, no final do inverno de 1865, após muito esforço e privação, localizamos o mais notável veio de ouro que nem nossos sonhos mais delirantes haviam ousado. Powell, engenheiro de minas por formação, afirmou que havíamos descoberto mais de um milhão de dólares do mineral a serem extraídos em meros três meses.

Nossos equipamentos eram tão rústicos que decidimos que um de nós voltaria à civilização, compraria o maquinário ne-

cessário e retornaria com um número suficiente de homens aptos para trabalhar na mina.

Por Powell conhecer melhor a região e também ser familiarizado com os requerimentos técnicos para mineração, decidimos que ele seria a melhor escolha para fazer a viagem. Concordamos que seria eu a defender nossa posse na remota possibilidade de um explorador errante tentar tomá-la.

No dia 3 de março de 1866, Powell e eu amarramos suas provisões em dois de nossos burros e nos despedimos quando montou no cavalo e começou a descer a colina na direção do vale, rumo à primeira etapa de sua viagem.

A manhã da partida de Powell estava clara e bela, assim como quase todas as manhãs no Arizona. Eu podia vê-lo e a seus animais em sua rota montanha abaixo. Durante toda a manhã, eu os avistava no topo de alguma encosta ou planalto. Vi Powell pela última vez por volta das três da tarde, quando ele adentrou as sombras das montanhas do outro lado do vale.

Cerca de meia hora depois, ao olhar casualmente sobre o vale, notei, surpreso, três pequenos pontos perto do mesmo lugar onde havia visto meu amigo e seus dois animais de carga pela última vez. Não sou dado a me preocupar à toa, mas quanto mais tentava acreditar que tudo estava bem com Powell - que aqueles pontos que vi em sua

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

